



Fotos: Getty Images via AFP



A candidata presidencial democrata faz comício e cumprimenta eleitores na Geórgia e na Carolina do Norte



O republicano, no Aeroporto Municipal de Gastonia, na Carolina do Norte, faz intensa campanha e crítica a adversária

NA RETA FINAL, DISPUTA VOTO A VOTO

Às vésperas do dia da eleição e tecnicamente empatados, Kamala Harris e Donald Trump correm atrás dos indefinidos e, sobretudo, tentam conquistar apoio nos chamados estados-pêndulo, que são decisivos, daí a maratona de ambos

No último fim de semana antes das eleições, Kamala Harris e Donald Trump intensificaram a disputa pelos estados-chave, os maiores responsáveis por decidir quem será o novo chefe de Estado norte-americano. Agora, as campanhas se concentram em conquistar o voto dos indecisos até terça-feira. Enquanto Trump foca em atacar imigrantes e aposta em promessas mais ousadas, Kamala mantém um tom convidativo e menos radical que seu adversário.

A vice-presidente democrata e o ex-presidente republicano estão

tecnicamente empatados em uma série de pesquisas, o que reflete a competição acirrada. Ambos se concentram em estados-pêndulo, onde a vitória é geralmente decidida por margens estreitas, diferentemente de locais tradicionalmente inclinados a um dos partidos.

A ex-senadora, que busca ser a primeira mulher a assumir a Presidência dos Estados Unidos, realiza comícios na Geórgia, Carolina do Norte e Michigan, frisando que Trump representa um risco à democracia americana. Harris incita os eleitores a “virar a página” em relação a Trump. “Ele se mostra

cada vez mais instável, obcecado por vingança e consumido pelo ressentimento, buscando um poder desmedido”, declarou em um evento em Little Chute, Wisconsin.

Harris também conta com o apoio público de artistas para atrair jovens e eleitores latinos, que são cruciais em disputas acirradas. Sua lista inclui nomes, como Beyoncé, Bruce Springsteen, Cardi B, Jennifer Lopez e a banda mexicana Maná.

Na outra ponta, Trump quer retornar à Presidência. Se conseguir, será o primeiro chefe de Estado a assumir o cargo após uma condenação criminal e quatro

denúncias. O republicano promete apoiar o setor industrial, recorrendo a tarifas agressivas e, se necessário, a guerras comerciais. Essa proposta está sendo reforçada este fim de semana em locais, como Carolina do Norte, Virgínia, Pensilvânia e Geórgia.

Trump também intensificou o tom de indignação, principalmente sobre imigração, afirmando que “imigrantes ilegais estão matando pessoas diariamente” e provocando uma “onda de violência” nos EUA, mais uma vez, sem apresentar evidências.

“A mensagem final de Kamala

para a América é que ela odeia este país”, disse ele na noite de sexta-feira em Warren Michigan. “Nada é mais perigoso do que dar poder a alguém fraco e incompetente”, acrescentou em Milwaukee, Wisconsin.

O candidato criticou ainda a economia do governo democrata, que considera desastrosa. Segundo ele, se Harris vencer, “uma depressão econômica ao estilo de 1929” estará à vista.

Preparação segura

No final da campanha, há preocupações sobre possíveis atos de

violência, caso Trump não reconheça uma possível derrota, semelhante ao que aconteceu em 2020. Em Washington, lojas começaram a proteger suas vitrines, e as autoridades locais consideram “imprevisível” o que pode acontecer após o fechamento das urnas.

As lembranças do ataque ao Capitólio em 6 de janeiro de 2021, por apoiadores de Trump, continuam vivas na memória coletiva mundial. Atualmente, Trump e seus aliados mencionam fraudes em estados-pêndulo, como a Pensilvânia.

TRAGÉDIA

Mortes na Espanha chegam a 211

A Espanha anunciou o envio de mais 10 mil soldados e policiais para ajudar nas operações de busca e resgate de cerca de 2 mil pessoas desaparecidas nas áreas devastadas por inundações, que, até a noite de ontem, causaram pelo menos 211 mortes. O primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez, informou que a exemplo de 4 mil soldados adicionais

enviados à Valência no sábado, outros mil devem chegar hoje.

Também foram mobilizados 5 mil policiais e guardas civis foram mobilizados. A medida visa garantir a segurança e combater saques. Durante uma reunião do comitê de gestão de crise, Sánchez reforçou a gravidade da situação, caracterizando as inundações como a “segunda

enchente com mais vítimas na Europa neste século”.

O primeiro-ministro destacou que o número de mortos pode aumentar em razão da grande quantidade de desaparecidos e corpos presos em veículos e áreas de difícil acesso. Ele reconheceu a frustração da população e admitiu que a resposta do governo “não está sendo suficiente”. O presidente regional

de Valência, Carlos Mazón, também enfrenta críticas e anunciou medidas para reestruturar o local e garantir moradia à população afetada. O governo iniciou os trâmites aguarda apoio ao Fundo de Solidariedade da União Europeia. As cidades estão impactadas com mais de 2 mil veículos abandonados e toneladas de lama que devem ser retirados das ruas.



Para os resgates, foram convocados mais de 10 mil homens

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

O ECONOMISTA NECESSÁRIO GANHOU O NOBEL

Não é por causa da economia que muitos economistas cresceram em sucesso e influência no mundo. Mas porque aprenderam a aplicar o método de investigação e análise da economia para explorar e explicar quase todos os aspectos da sociedade, incluindo comportamentos, estruturas, relações e instituições sociais.

Um exemplo curioso desse interesse por quase todas as coisas é o estudo publicado em 2006 por Liran Einav e Leeat Yariv, dois economistas radicados na Califórnia. A pesquisa, aparentemente estranha, investigou como as iniciais dos sobrenomes influenciam as carreiras acadêmicas no campo da economia, analisando professores dos 35 principais departamentos de economia dos EUA.

Os autores observaram que docentes com sobrenomes que começam com letras do início do alfabeto têm mais

chances de conquistar estabilidade nos 10 principais departamentos e de receber medalhas e prêmios como o Nobel.

Numa análise muito bem fundamentada, Einav e Yariv mostram que os resultados se mantiveram consistentes mesmo após o controle de variáveis como país de origem, etnia e religião. A fim de comparação, o estudo explorou o mesmo efeito em departamentos de psicologia, onde a ordem alfabética para coautores não é a norma, e não encontrou relação entre as iniciais dos sobrenomes e o sucesso na carreira. Os autores concluem por sugerir que essa “discriminação alfabética” deve estar ligada à prática comum na economia de listar coautores em ordem alfabética.

Pois bem, agora em outubro, um potencial beneficiário do efeito descrito acima foi finalmente agraciado com o Nobel de Economia: Daron Acemoglu. Professor catedrático do Instituto de

Tecnologia de Massachusetts (MIT), ganhador do Nobel de Economia, Acemoglu é um dos 10 economistas vivos mais citados em publicações acadêmicas no mundo. Dentre os 10, Acemoglu, com 57 anos, é um dos mais novos e era um dos poucos ainda sem o prêmio.

Mas não só pela letra A que a obra produzida por Acemoglu tem notável impacto. Sua alta qualidade foi construída com alguns coautores, entre eles os britânicos Simon Johnson e James Robinson, laureados com o Nobel junto ao turco Acemoglu.

Os três acadêmicos radicados nos EUA são expoentes da vertente econômica que se debruça sobre a importância das instituições para o desenvolvimento dos países. Descartar a roupagem formal matemática de gráficos e tabelas necessária para angariar respeitabilidade dentro das ciências econômicas foi

obra pioneira de Douglass North lá nos idos dos anos 1970.

Vale a pena, então, lembrar o que são as “instituições” para North: elas são as “regras do jogo” nas diferentes arenas em que interagem os seres humanos — sejam os mercados, a política ou sejam os círculos de amizade e intimidade, e por aí afora. E por “regras”, entende-se tanto as escritas quanto as tácitas.

Pois bem, fica claro que o institucionalista Acemoglu se beneficia também dessa instituição de ter o sobrenome começado com “A” e é logo seguido por um “C”. É muito comum que nos artigos publicados no campo do desenvolvimento econômico e áreas afins Acemoglu encabece a lista de referências ao final dos trabalhos. Por alguma razão psicológica inusitada, as pessoas tendem a achar mais importante quem vem listado primeiro, mesmo sendo a ordem alfabética.

Por mais que isso seja um fator completamente de “sorte” — ou seja, ter seu sobrenome iniciado por “A” ou outra letra próxima a “A” —, o fato é que isso tem um impacto real na fortuna do autor, para além de suas qualidades intrínsecas que possua.

O que é também curioso é que Acemoglu fez sua carreira justamente

contra o argumento de que o crescimento econômico é causado por “sorte”, ou aleatoriedade e contingência, o qual representa uma vertente clássica e relevante, ainda que pouco compreendida, das explorações sobre a causa da riqueza e da pobreza das nações. Acemoglu é da tradição que enfatiza a preeminência das “diferenças institucionais”, e não do acaso ou da geografia, como causa do desenvolvimento.

No inspirador artigo de 2005, *Instituições como a Causa Fundamental do Crescimento de Longo Prazo*, Acemoglu, Johnson e Robinson se debruçam sobre experimentos históricos “quase naturais”, como a divisão da Coreia e a colonização europeia, mostrando o papel crucial das instituições em moldar os incentivos e as restrições para os agentes econômicos. A abordagem mostra como escolhas por diferentes caminhos são influenciadas pela distribuição do poder nas instituições políticas formais e nas econômicas dos grupos de poder de fato.

É só olhar para quem dá certo de forma sustentável no mundo que se descobre que tipo de economista o país tem, ou precisa.

PAULO DELGADO, sociólogo